

Resenha*

Destinos da esquizofrenia?

Mariana Bacigalupo Martins

GRASSER, Fabien. "Destinos da Esquizofrenia?", in *O sintoma charlatão: Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 188-197.

O autor afirma que a ciência atual reduz o autismo e a esquizofrenia a doenças deficitárias de origem organo-genética, nas quais um simples redirecionamento cognitivo seria suficiente para enquadrá-las em posições de subnormalidade.

Um saber arduamente adquirido

Bleuler, em 1906, rebatiza a esquizofrenia como a esquizofrenia e a rebatiza como Demência precoce de Kraepelin, indicando que o distúrbio fundamental da doença é a dissociação do poder regulador do eu.

Lacan, a partir de Freud e de Clérambault, identifica as vozes de origem sobrenatural e exterior à estrutura simbólica primitiva do sujeito afetado pela Verwerfung.

A descrição de Schreber permite a Bleuler e Freud a unificação do campo das psicoses. Ele relata o desencadeamento significativo que desestabiliza radicalmente sua identificação anterior e que o confronta a um gozo que lhe fragmenta e do qual ele desconhece o ponto de partida. Suas descrições revelam a perda da própria imagem e de toda a unidade de seu corpo.

A dissolução imaginária vem como resposta à enxurrada de gozo e conduz Schreber para *a morte do sujeito*, à qual ele tenta resistir. Desse acontecimento, sobra um corte preciso e sistematizado do corpo, marcado por significantes individuais não articulados por uma significação unificante. Schreber não consente com essa desagregação e procura resistir a ponto de preferir tentar a morte real. Ele tenta identificar o que saciava o desejo da mãe e deseja voltar a esse estado anterior, mas o Outro está a tal ponto desenfreado que ele não pode retroceder.

Sua hospitalização psiquiátrica o obriga a aceitar a identificação ao objeto real, um simples resto de corpo, que Lacan precisou como *regressão tópica ao estádio do espelho*. Depois de um período de catatonía, Schreber estrutura uma nova significação que lhe restitui uma ordem e um novo corpo. É o tempo da convicção delirante que distancia os elementos de base que o sujeito encontrou, mas que vai permitir restabelecer um laço social pelo testemunho do que essa nova significação implica.

A escolha do esquizofrênico

Segundo o autor, o esquizofrênico e o paranoico fizeram cada um a escolha pela *foraclusão*. O paranoico faz a escolha de um sentido que se opõe ao que organiza o *Nome-do-Pai*.

Ele se dedica a criar um sentido único, que responde à sua certeza no que mantém sua não aceitação da solução fálica. O esquizofrênico, desde que perdeu sua primeira identificação, cuja significação nada tem de excepcional, uma vez que resulta da interpretação da mãe, se coloca sempre ao lado da articulação Real-Simbólica e recusa o uso do sentido.

O esquizofrênico recusa todo compromisso com o imaginário e com a significação, ficando em déficit com a transmissão. O autor pergunta se o esquizofrênico seria aquele que escolhe ficar o mais próximo de uma verdade intransmissível, uma vez que é exageradamente objetiva? O esquizofrênico se priva de toda ajuda imaginária para tentar se fazer um corpo.

Se o encontro do sem-sentido e do enigma pode reconduzir o paranoico à sua certeza, retirando-o de sua convicção, o esquizofrênico fica sempre provocado pelo sem-sentido, interditando a si toda convicção e também todo desconhecimento.

Das identificações diferenciais

1ª identificação – *presidente* – identificação ao desejo da mãe, que permite a Schreber chegar próximo à normalidade, mas desencadeando o encontro com a certeza e a experiência de sua psicose.

2ª identificação – $\Phi 0$ – identificação ao objeto *a*, *cadáver real*.

3ª identificação – $\Phi 2$ – *ser a mulher de Deus* – tempo de reconstrução de uma nova significação que torna compatível o enigma de sua certeza para com um Outro insaciável de gozo. É o tempo da interpretação, da morte da coisa, sempre incompleta na paranoia. Essa significação pessoal apazigua sua relação com o mundo e reunifica seu corpo em uma identificação i''(a).

Na esquizofrenia, ocorrem dois tipos de identificação: a primeira, que se sustenta na interpretação da mãe e pelo tripé imaginário que faz da criança o falo que lhe falta; e a segunda, que não responde mais à interpretação da mãe, mas sim, a uma interpretação do Outro, no qual o paranoico localizou o lugar de origem do gozo, lugar que o paranoico vai se fixar na condição de objeto.

Segundo o autor, o esquizofrênico não ultrapassa a segunda identificação, com o objeto real. Depois do desencadeamento, é comum voltarem à

primeira identificação. Quando hospitalizados, podem participar de um autêntico laço social, sem serem demasiadamente ameaçados pelas torturas de sua própria estrutura.

Presidente

↓

.....

i'(a) (*Identificação I*)

i''(a) (*Identificação III*)

i'(a)

a mulher de Deus

↓

Φ1

normalidade

transfinito

↓

paranoide

Φ2

.....

↓

Joyce - Wittgenstein

a (*Identificação II*)

Φ0

.....

Duas saídas exemplares

Schreber menciona o caso de um jovem que sofre de delírio paranoide há 15 anos e que não conseguia encontrar uma identificação apaziguadora. Por esse motivo, ele se debate com fenômenos que o surpreendem e o invadem. Ele não consegue inventar uma língua estrangeira à *alingua* de sua mãe, fonte dos fenômenos alucinatórios. O paciente resiste à Φ0, fazendo elaborações incessantes dos fenômenos, ainda que não chegue a aderir a uma significação que o socializaria. O autor lembra que a indicação de uma significação não serviria, pois iria reforçar sua ironia já tão afiada.

O autor fala que Joyce e Wittgenstein se encontram o mais próximo da morte do sujeito e no limite da identificação ao objeto real, mas se "armam".

Joyce faz uso do significante puro sem nenhum compromisso com o sentido e abre mão do subterfúgio da interpretação, a de manter uma verdade tão verdadeira que não pode passar pelo sentido.

Wittgenstein enfrenta o objeto real, indo até o fim de sua escolha pela *foraclusão*, fazendo uso da lógica para demonstrar a verdade e demonstra a fraude de toda crença e de todo semblante. Nenhum dos dois concede nada ao Outro, no que concerne à responsabilidade da causa ou da filiação.

* Wittgenstein era um filósofo austríaco, naturalizado britânico, que viveu entre 1889 e 1951. Escreveu *Tractatus Logico-Philosophicus* que consistia em explicar como a [linguagem](#) consegue representar o [mundo](#).

Tratar é a-bordar

Não impedir que sujeitos esquizofrênicos encontrem por eles mesmos seu melhor destino e ter a precaução de não redobrar os efeitos de gozo, dos quais eles já são objeto, do qual a ciência contemporânea participa ativamente.

Segundo o autor, o esquizofrênico não leva a sério o discurso preestabelecido: fortalecido pela sua ironia lógica, ele se opõe a isso. Ele é um ser que continua fiel à *foraclusão*, pela descrença e pelo não-sentido.

A maior fonte de ironia do esquizofrênico reside na anulação das normas preestabelecidas que os psiquiatras desejam lhes impor. A ciência contemporânea tem o efeito de duplicação *foraclusiva*, o que resulta na anulação de toda capacidade criativa e produtiva dos psicóticos, além de multiplicar os efeitos de gozo que lhe vem do Outro.

O analista deve encontrar a palavra que possa evitar tanto a morte subjetiva como a real. Lacan a caracteriza por um "não sem dizer" que possa escapar à dimensão do dito materno e "dizer não" ao abandono do sujeito no extremo dos efeitos de gozo. O analista se opõe ao não da *foraclusão* e da exclusão da ciência contemporânea e deixa ao psicótico o campo livre, onde ele pode tratar as coordenadas subjetivas, cuja mensagem de horror lhe é reenviada.

* Texto apresentado na 3ª Seção Epistêmica da CLIPP, em 06/11/2010.